

Inteligência e Guerra no Século XXI: aspectos estratégicos, operacionais e táticos

Pedro Romero Marques
Relações Internacionais – UFRGS
E-mail: p.romero.marques@gmail.com

Palavras-chave: Inteligência – Guerra – Clausewitz - Estados Unidos

Prof. Orientador: Marco Aurélio Chaves Cepik

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a atividade de inteligência na guerra contemporânea a partir da compreensão clausewitziana do fenômeno bélico. Com o avanço da digitalização, tornou-se necessário rediscutir a importância da atividade de inteligência para o desempenho das Forças Armadas em operações militares. O debate, então, polarizou-se entre aqueles que argumentam pela continuidade da relevância de caráter secundário da inteligência para o resultado dos conflitos e aqueles que afirmam que na Era Digital as atividades de inteligência se tornaram muito mais importantes do que fora previsto pela teorização original de Clausewitz. Por meio do estudo crítico da doutrina e do contexto organizacional no caso dos Estados Unidos foi possível compreender as razões conceituais da divergência, bem como formular hipóteses testáveis para pesquisas posteriores.

Metodologia

A base de condução deste trabalho é o documento utilizado para orientar o uso da atividade de inteligência em operações militares dos Estados Unidos (*Joint and National Intelligence Support to Military Operations*, publicado no âmbito do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas (JCS) daquele país. Somado à uma extensa revisão bibliográfica sobre a relação entre inteligência e guerra e sobre o Sistema de Inteligência dos Estados Unidos, a análise do documento permite que seja possível entender as funções previstas, as discussões doutrinárias e a estrutura organizacional da atividade de inteligência nos três níveis da guerra: estratégico, operacional e tático. Dessa forma, torna-se possível passar para uma etapa posterior da pesquisa, que consiste no estudo da operacionalização da inteligência em uma situação real de guerra no século XXI, com foco nos três níveis supracitados, exemplificado pela invasão do Iraque pelos EUA.

Discussão e Resultados

Para Clausewitz, a maior parte da inteligência produzida para a condução de operações militares consistia em relatos imprecisos da realidade. Embora faça essa ressalva, o autor considerava a atividade importante, mas não prioritária, para o cumprimento dos objetivos políticos. Para ele, a inteligência não era um fator determinante para o sucesso na guerra, mas tinha efeitos reais na redução da incerteza. No entanto, a Era Digital alterou a maneira como as Forças Armadas lidam com informações. A tecnologia promoveu a expansão da disponibilidade de informações, que aos poucos

foram ganhando mais importância na esfera do conflito. Isso impulsionou uma transformação da estrutura militar rumo ao maior aproveitamento da esfera informacional de maneira a garantir maior efetividade no gerenciamento das atividades de comando e controle, trazendo a rediscussão do papel da inteligência nesse contexto. Sua relação com os níveis da guerra trazem algumas conclusões sobre o estado desse processo transformacional.

Nível	Funções Básicas	Organização	Foco da Doutrina
Inteligência Estratégica	a. Desenvolvimento de políticas e estratégias nacionais; b. Monitoramento da situação global; c. Desenvolvimento de planos de ação militar;	Comunidade de Inteligência	Como adaptar a inteligência à guerra contemporânea? Polarização entre aqueles que acreditam na eficácia de reformas pontuais (evolucionários), focadas nos problemas já identificados e nos erros cometidos, e naqueles que defendiam a reestruturação radical dos sistemas de inteligência, como necessidade de adaptar-se ao novo contexto informacional da guerra contemporânea (revolucionários).
Inteligência Operacional	a. Foco nas capacidades e nas intenções dos inimigos; b. Análise do ambiente operacional; c. Identificação de vulnerabilidades do adversário; d. Suporte ao planejamento e à condução de operações conjuntas;	Comandos Combatentes Unificados	Como promover o planejamento/execução da inteligência em operações? Ênfase na integração e na comunicação das unidades de inteligência com o objetivo de promover consciência situacional em tempo real para os Comandos Combatentes. Foco no <i>all-source analysis</i> e nos mecanismos coordenadores para que o esforço unificado sobreponha o esforço individual, conectando a estrutura nacional (comunidade de inteligência) com as unidades operacionais.
Inteligência Tática	a. Suporte ao planejamento e à execução de batalhas; b. Provimento de informação acerca de ameaças iminentes ou mudanças no ambiente operacional	Comandantes	Como prever os cursos de ação do inimigo antes do enfrentamento? Aqui existe uma forte ênfase na adoção de sistemas centrados em rede para compartilhamento informacional entre as unidades. O objetivo é o entendimento total do campo de batalha e da situação do inimigo anterior ao enfrentamento, a partir da integração das atividades de inteligência, reconhecimento e vigilância. (<i>ISR</i>)

Conclusões Parciais

- A inteligência aumentou sua importância na guerra, mas vem sendo adaptada de forma gradual à nova dinâmica informacional;
- A doutrina estadunidense não refuta a natureza da guerra clausewitziana, mas vem se adequando à flexibilização do comando;
- A inteligência enfatiza a integração entre as unidades, a condução de operações combinadas e a utilização de conceitos como “consciência situacional”, superioridade informacional”, entre outros.

- Essa ênfase pode afetar não apenas a relação entre guerra e política, mas também as características da estrutura de inteligência de defesa;
- Tal adaptação poderia levar a uma crescente militarização da inteligência, à sua desconexão do nível estratégico e a uma expansão de suas funções na guerra que implica um processo de redução da especialização da atividade;

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS: BARGER, Deborah G.. *Toward a Revolution in Intelligence Affairs*. Santa Monica: Rand Corporation, 2005. CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*. London: Oxford University Press, 2007. ECHEVARRIA II, A. J. *Clausewitz and Contemporary War*. New York: Oxford University Press, 2007. FERRIS, John Robert. *Intelligence and strategy: selected essays*. London: Routledge, 2005. GILL, Peter. *Theories of intelligence: Where are we, where should we go and how we might proceed?* In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTIAN, Mark. *Intelligence Theory: key questions and debates*. Nova Iorque: Routledge, 2009. p.208-226. GRESSANG IV, Daniel S. *The shortest distance between two points lies in rethinking the question: Intelligence and Information Age Technology Challenge*. In: JOHNSON, Loch K. (Org.). *Strategic Intelligence: Volumes 1-5*. West Port: Praeger Security International, 2007. p. 486-503. LAHNEMAN, W. J. *Is a Revolution in Intelligence Affairs Occurring?* *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, v. 20, n. 1, p. 1-17, dez. 2007. LONSDALE, David. *The Nature of War in the Information Age: Clausewitzian future*. London: Frank Class, 2004. MARTINS, José Miguel Quedi. *Digitalização e Guerra Local: Como fatores do Equilíbrio Internacional*. 2008. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. RICHELSON, Jeffrey T. *The U.S. Intelligence Community*. San Francisco: Westview Press, 6ª ed., 2012. UNITED STATES. Joint Chiefs of Staff. *Joint and National Intelligence Support to Military Operations (JP 2-0.1)*. Washington D.C. 2004. UNITED STATES. Joint Chiefs of Staff. *Joint and National Intelligence Support to Military Operations (JP 2-0.1)*. Washington D.C. 2012.

